

16 e 17 de Outubro de 2025

Guyraroká e Passo Piraju

Em duas retomadas marcadas pela luta e pela esperança, Guyraroká e Passo Piraju, em Caarapó, onde acompanhamos um projeto de apoio às comunidades, vivenciamos um Dia das Crianças com contornos trágicos. Como definir a infância em meio a conflitos fundiários e à brutal violação dos direitos humanos? O povo Guarani Kaiowá, em busca de sua sobrevivência e em defesa de suas terras ancestrais, tem desafiado o avanço do agronegócio ao retomar áreas como a Fazenda Ipuitã (em Guyraroká) e o tekoha Porto Cambira (em Passo Piraju/Ñu Porã), territórios onde a demarcação tarda a acontecer.

16 de Outubro, em Passo Piraju, terra nua se transformou em um palco de esperança. Reunimos as crianças, verdadeiras sementes de um futuro promissor, e abrimos um espaço sagrado para o diálogo sobre o bem mais precioso que lhes restava: o território. "O que vocês sonham para essa terra?", perguntamos, e seus olhos brilharam como estrelas, iluminando a alma de todos os presentes. Uma criança, com a voz carregada de pureza, respondeu: respeito e paz. Em seguida, convidamos cada um a mergulhar no oceano das emoções, expressando seus sentimentos através de desenhos coloridos. E, como um passe de mágica, o papel se tornou um espelho da alma, revelando a força, a alegria e a esperança que habitam em cada coração. Compartilhavam, com a sinceridade que só as crianças possuem, cada traço, cada cor, cada sonho, nos ensinando que, mesmo em meio à adversidade, a beleza da vida sempre encontra um caminho para florescer. Ao final daquele momento mágico, percebemos que a chama da esperança, não apenas permanecia acesa, mas brilhava com intensidade ainda maior, aquecendo a todos com sua luz. Levamos um bolo farto e doces coloridos, um gesto singelo de carinho e reconhecimento à força e à resiliência daquela comunidade, que se uniu em um só propósito: celebrar a vida e a esperança, resistência. A luta do povo de Passo Piraju pelo seu território é uma história de coragem e determinação. Em cada gesto, em cada resistência diária, eles reafirmam seu direitos.





No dia seguinte, 17 de outubro, a violência irrompeu em Guyraroká. A Tropa de Choque da Polícia Militar do MS, invadiu a retomada, deixando um rastro de dor e ferimentos: nove pessoas atingidas, quatro delas por balas de borracha. Gás lacrimogêneo impregnou o ar, enquanto corpos eram agredidos e intimidados. A ação policial foi marcada pelo uso de armas "letras" e pela violência física e psicológica. Em meio à devastação, a comunidade Guarani Kaiowá via sua casa de reza sendo derrubada e seus barracos soterrados. Alimentos foram destruídos, tornando ainda mais árdua a luta pela sobrevivência. Falta tudo na retomada: cuidado médico, água potável, falta de segurança, alimentos, jagunços a serviço de fazendeiros que rondam dia e noite no local, violência de Estado que faz presente, desamparo ao povo que desde 1500, tenta recuperar seus territórios invadidos e saqueados pelos Europeus e, agora, por fazendeiros do agronegócio. Mas a chama da esperança não se apagou. Ao chegarmos, compartilharam a humilhação sofrida e mostraram as feridas causadas pelas balas e pauladas. Testemunhamos a Resistência do povo Guarani Kaiowá que, com mãos calejadas e corações fortalecidos, reconstruía seus barracos e sua casa de reza, eles diziam: "é muita humilhação", só queremos aquilo que é nosso, aquilo que o branco roubou da gente". Cada ação de reconstrução era um grito de resistência, uma demonstração de que o povo Guarani Kaiowá não se curva, não se cala e não desiste de lutar pelos seus direitos, pelo seu tekorá, por suas tradições, por sua reza, sua dança. A resistência do povo Guarani Kaiowá é um ato de coragem e esperança que ecoa em nossos corações, inspirando-nos a seguir em frente em defesa da justiça e da dignidade humana.



Aquele bolo, por mais singelo que fosse, foi um pouco de alegria para um momento tão difícil... Suas palavras ecoaram em nossos corações: "Só vocês para trazer alegria e esperança"; "Vocês nos dão muita força"; "vocês nunca abandonam a gente". Nosso café da manhã foi bala de borracha, e vocês nos trazem essa surpresa...". Aquele gesto representou um breve alívio, um sopro de esperança em meio à adversidade. Essa ação nos mostrou, de forma inequívoca, a importância do apoio e da solidariedade às comunidades indígenas em processo de retomada, especialmente em contextos de violência e violação de direitos. As fotografias que acompanham este relato são testemunho da alegria e do alívio estampados nos rostos da comunidade, reforçando a urgência de ações contínuas e coordenadas em defesa da dignidade e dos direitos dos povos indígenas.





Desde o dia 13 de Outubro, entregamo-nos de corpo e alma à missão de preparar a festinha das crianças. Cada ingrediente, cada doce, cachorro-quente foi escolhido com esmero, imbuídos da esperança de levar um pouco de alegria. Ao todo, foram 18 bolos e centenas de cachorros-quentes, divididos para as duas retomadas. E, para tornar aquele dia ainda mais especial, contamos com a generosidade de diversas pessoas, que doaram. As longas horas de trabalho, o cansaço físico, se dissipavam diante da certeza de que aquele pequeno gesto faria toda a diferença. E, no final das contas, cada minuto investido, cada gota de suor derramada, valeram a pena, pois sabíamos que estávamos plantando sementes de esperança em um terreno árido e castigado pela violência.



Na roda, os pequenos olhos falavam sem palavras.
Cada traço, uma história guardada no peito.
Alguns desenharam o sol,
outros, o silêncio.

Mas um desenho parou o tempo
olhos marejados, cor de ferida,
um vermelho que gritava no papel.
Ali, o coração de uma criança
contava o que o mundo insiste em calar.

Ela vê seus pais lutando,
vê seus avós esperando,
vê a terra ferida, cercada, negada.
E aprende cedo
que ser indígena dói na pele e na alma.

Naquele instante, senti o peso do seu olhar,
como se o coração dela
pedisse abrigo dentro do meu.

E entendi:
a infância indígena não é feita só de brinquedos,
mas de resistência.
É feita de lágrimas coloridas,
que pedem um amanhã
onde o riso possa voltar a morar
no desenho das crianças.

Maria Câmara (sts)
Outubro 2025